

RAZÃO, EMANCIPAÇÃO OU CONTROLE? A PROPOSTA DE DISCUSSÃO FEITA POR ADORNO E HORKHEIMER

REASON, EMANCIPATION OR CONTROL? THE DISCUSSION PROPOSAL MADE BY ADORNO AND HORKHEIMER

*Filipe Barreiros Barbosa Alves Pinto**

*Rômulo Santos de Almeida***

Cite este artigo: PINTO, Filipe Barreiros Barbosa Alves, ALMEIDA, Rômulo Santos de. Razão, emancipação ou controle? A proposta de discussão feita por Adorno e Horkheimer. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p.25-35, Junho. 2013. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 30 de Junho. 2013.

Resumo: Este artigo discute as implicações provocadas pelo processo de racionalização. Procuraremos colocar em diálogo o pensamento de Kant, Weber, Adorno e Horkheimer. O objetivo é demonstrar como a interpretação sobre o uso da razão se desloca de um polo, no qual representava a emancipação do indivíduo e de suas potencialidades para o seu oposto, cuja principal característica reside na submissão da razão aos instrumentos por ela criados.

Palavras-chave: Razão, iluminismo, indústria cultural, emancipação e dominação.

Abstract: This article discusses the implications caused by the rationalization process. We will try to put in dialogue Kant, Weber, Adorno and Horkheimer`s thought. The objective is to demonstrate how the interpretation about the use of reason moves from one pole, which represented the emancipation of the individual and their potential to its opposite, whose main characteristic is the submission of reason to the instruments created by it.

Keywords: Reason, enlightenment, cultural industry, emancipation and domination.

1. Introdução

Buscaremos, com este trabalho, explicar sobre o processo de racionalização na modernidade. Para tanto, utilizaremos as ideias de alguns autores que têm essa temática como um dos pontos centrais de suas discussões; são eles: Kant, Weber, Adorno e Horkheimer. Certamente são poucos autores, para abarcar um assunto tão amplo, entretanto suas ideias são importantíssimas e, em conjunto, através de seus diálogos, pontos de convergência e divergência, parecem suficientes para um breve debate acerca da problemática da racionalização. As interpretações de Kant e Weber serão apresentadas com o intuito de mostrar o caminho que levou Adorno e Horkheimer a desenvolverem uma concepção própria da

razão, a qual, para eles, assumiria um caráter instrumental. Os estudos desenvolvidos por esses pensadores são bastante atuais e pertinentes a uma boa análise da contemporaneidade. A contribuição fornecida em seus estudos, além do traçado da cultura ocidental moderna e contemporânea, influencia pessoas interessadas no estudo da publicidade, do consumismo, do crescimento e diversificação da tecnologia. A razão instrumental e os efeitos que dela decorrem serão sinteticamente debatidos, com o auxílio de uma bibliografia adequada.

2. Kant: A razão como libertação do indivíduo

No ano de 1784, em Königsberg, na Prússia, Immanuel Kant buscava responder a pergunta, “O que é iluminismo (ou esclarecimento)?”, chegando ao princípio de que (1995):

Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria, se a sua causa não residir na carência de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo, sem a guia de outrem. *Sapere aude!* Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento! Eis a palavra de ordem do iluminismo. (p.11).

É visível, como mostram as palavras de Kant, que o iluminismo ou esclarecimento dependem da capacidade individual de se libertar do dogma e da superstição. A saída do estado de menoridade surge quando, através de um imperativo categórico, *Sapere aude!* (ousa saber), todo indivíduo busca um pensamento independente ao evitar que terceiros pensem por ele. Ou seja, esperava-se que o esclarecimento “emancipasse a humanidade do medo e da imaturidade e promovesse sua realização através do desenvolvimento da razão e do controle da natureza” (WHITEBOOK, 2008, p.110). Percebemos que Kant tinha um forte arcabouço racional e moral para justificar o estado em que a pessoa ignorante se encontrava. A razão era a chave fundamental na qual o indivíduo poderia buscar seu bem próprio, pois o libertaria e também lhe ofereceria a verdade. O sujeito do iluminismo seria aquele regido, unificado, centrado nas leis da razão. Teria, além disso, uma identidade bastante individualista, a qual lembra a cartesiana e humanista. O controle da razão era pessoal, ou seja, era o sujeito que decidia se queria pensar ou não. De acordo com Kant (1995):

Com efeito, sempre haverá, alguns que pensam por si, mesmo entre os tutores estabelecidos da grande massa que, após terem arrojado de si o jugo da menoridade, espalharão à sua volta o espírito de uma estimativa racional do próprio valor e da vocação de cada homem para pensar por si mesmo p.12

Em termos históricos, Kant estava imerso no iluminismo, movimento intelectual ocorrido na Europa no século XVIII. Caracterizou-se principalmente por ter na razão o principal fator de entendimento da realidade. Também foi um grande defensor das ideias de igualdade, liberdade e fraternidade, que seriam tomadas como um código de ética pela burguesia em ascensão. Nessa ótica, o iluminismo combateu a escravidão, o antigo regime, os dogmas religiosos, abrindo novas concepções e ideais para a modernidade, entre eles o liberalismo e a defesa da propriedade privada.

Do ponto de vista epistemológico, Kant pode ser considerado precursor de uma filosofia que no futuro seria tomada como fazendo parte dos primeiros esforços em construir uma teoria “correta” ou crítica da sociedade. Em sua concepção, existe uma moral apriorística e transcendente que liga a razão ao mundo. Isso implica dizer que cada indivíduo tem capacidades de interpretar o mundo de formas diversas, sendo essa faculdade fundamental na organização das experiências individuais.

Trás para sua filosofia algo inovador, ao identificar o sujeito e o objeto da crítica racional, elementos sem os quais seria impossível elaborar uma “teoria crítica”, como fizeram os primeiros pensadores de Frankfurt. De acordo com isso, qualquer justificação ou crítica para impor limites à razão deve ser encontrada na própria razão, pois a atividade racional deve achar suas próprias barreiras em si mesma. Em outras palavras: para existir autonomia racional e crítica, a razão deve ser autocrítica. Só através disso é possível existir auto-regulação racional e libertação das amarras do obscurantismo e da ilusão (RUSH, 2008).

O que é importante percebermos aqui, antes de partirmos para Weber, é que, para Kant, o uso da razão seria o instrumento capaz de libertar o indivíduo e que permitiria o desenvolvimento das suas potencialidades.

3. Weber: A modernidade sob o jugo da racionalização

Em finais do século XIX e início do século XX outro pensador, cuja importância é central para o entendimento da razão instrumental e da racionalização, foi o sociólogo alemão Max Weber. Seus estudos são voltados para a compreensão da moderna sociedade ocidental, levando em conta sua complexidade e seus problemas. Sua sociologia tem como base analítica o indivíduo, priorizando o modo como a atividade racional e prática dos indivíduos em sociedade são movidas por uma busca interessada pela apropriação do sentido. A racionalização é um divisor de águas nos estudos sobre a modernidade, pela forma como conseguiu abarcar a amplitude das diversas esferas da vida social. Seus estudos foram importantíssimos na construção de uma “teoria crítica” da sociedade, especialmente na construção dos conceitos de ação social, racionalização e os primeiros contributos sobre a centralidade da instrumentalidade racional e técnica na vida social moderna.

Weber estava mais preocupado com o desenvolvimento histórico da racionalização e sua forte relação com a capa de ferro da burocracia moderna. A análise dos processos de racionalização é frequente e perpassa inúmeros estudos da obra do autor. A racionalização se refere, de forma ampla, a um processo cognitivo e prático que ocorre no interior de uma determinada cultura. Sua teoria da racionalização pode ser vista sob os mais diversos temas, tais como religião, política, Estado e ciência. Para Weber, a vida social é entendida como uma luta pelo sentido da existência, portanto, de um processo racional, através do qual se manifesta a cultura como tentativa de explicar as incertezas e angústias. Weber percebe que a racionalização é paralela ao processo histórico das religiões (uma forma de cultura). Por exemplo, o protestantismo em comparação ao catolicismo tem menos rituais e elementos mágicos de explicação do mundo. Entre Deus e o fiel há uma relação muito mais direta. O que ele percebe

dentro da própria história das religiões é o declínio das explicações mágicas e sobrenaturais, o que proporciona um melhor terreno para as explicações racionais.

Weber reconhece que a racionalização não é exclusividade do ocidente moderno, o que é peculiar a ele é o racionalismo, um sistema de explicações baseado, predominantemente na razão. A modernidade e o racionalismo trazem consigo três principais consequências, segundo Weber. A primeira diz respeito ao desencantamento do mundo. Significa que qualquer conhecimento ou crença está disponível a qualquer momento.

Significa principalmente, portanto, que não há forças misteriosas incalculáveis, mas que podemos, em princípio, dominar todas as coisas pelo cálculo. [...] Já não precisamos recorrer aos meios mágicos para dominar ou implorar aos espíritos, como fazia o selvagem, para quem esses poderes misteriosos existiam. Os meios técnicos e cálculos realizam o serviço. Isto, acima de tudo, é o que significa a intelectualização. (1982, p. 165)

Correlata ao desencantamento do mundo, temos a segunda consequência. Antes da modernidade e do domínio da razão o que se observava era uma unidade das explicações. Por exemplo, cada religião possuía seus julgamentos valorativos sobre o que era bom, certo, bonito e seus opostos. Com a ascensão e a coexistência de diversos sistemas valorativos (o que Weber chama de “politeísmo de valores”) ocorre a autonomização das esferas de valor sendo regidas por diferentes instâncias tais como a ciência, o direito e a arte.

Essas consequências acabam por gerar uma terceira, que é o surgimento de um modo de ver e sentir o mundo, um *ethos* racional. Os diversos sistemas de valor e opções oferecidos pelo mundo moderno levam ao privilégio, do que Weber chama de ação racional com relação aos fins. Nesse tipo de ação o indivíduo escolhe o seu objetivo e adéqua seus atos em conformidade aos seus objetivos. Essa ação social, em específico, é a que melhor se encaixa e que predomina no sistema capitalista. Ela é regida, segundo Weber, por uma razão instrumental, aquela que tem um objetivo predeterminado e que no capitalismo trata-se, na maior parte das vezes, da busca pelo lucro. É exatamente a razão instrumental que se torna o grande alvo das críticas dos autores da escola de Frankfurt.

4. Adorno e Horkheimer: O esfacelamento da cultura no reino da indústria cultural

A escola de Frankfurt, corrente de pensamento também conhecida como “teoria crítica” tem seu ápice no período que antecede a segunda guerra mundial. Essa escola era formada por autores marxistas, mas que criticavam os seguidores ortodoxos de Karl Marx. Para os frankfurtianos, compreender as configurações capitalistas do século XX não se resumia em transpor a teoria marxiana tal qual ela havia sido criada. Na tentativa de ampliar e atualizar as ideias de Marx, eles se utilizaram das críticas ao positivismo, do auxílio da psicanálise, da filosofia existencialista, de estudos estéticos, dentre outras disciplinas. Foram influenciados fortemente por Kant, Hegel, Nietzsche, Freud, Weber, Lukács, além, é claro, de Marx.

Antes de partimos para o debate em si, é relevante perguntar, o que faz uma teoria ser

crítica? A resposta mais elementar para essa pergunta talvez seja a de que uma teoria é crítica porque ela tem como meta ou objetivo criticar algo. Para o senso comum ela faz todo sentido, mas para os primeiros estudiosos da escola de Frankfurt tal resposta é incompleta. No ano de 1937 o filósofo frankfurtiano Max Horkheimer lança pela primeira vez o conceito de teoria crítica, em um ensaio intitulado “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”. A teoria crítica se diferencia da teoria tradicional pelo fato dessa última incluir o idealismo racionalista (o iluminismo, o idealismo de Kant e Hegel, por exemplo) e o materialismo reducionista (que reduz as características reais do mundo a uma base física), todos unidos por um não-historicismo universalista e a uma concepção instrumental da razão (RUSH, 2008). A “teoria crítica” é crítica justamente por se afastar dessas perspectivas. Outra característica dos teóricos críticos é o seu forte viés anti-positivista, ou seja, para eles a realidade não existe por si só, os dados não se separam da teoria, mas se impregnam nela.

Adorno e Horkheimer estão entre os principais autores dessa escola e serão abordados aqui. Eles realizaram importantes análises sobre as configurações do capitalismo no século XX, sobretudo no que diz respeito às suas formas de dominação. O que eles percebem é que a dominação assume maneiras cada vez mais mascaradas e que se infiltram fortemente no sistema cultural. É nesse ponto que o conceito de razão instrumental é absorvido. A supremacia do pensamento racional, o qual outrora fora visto como o caminho para a liberdade humana (como na interpretação kantiana) assume, para os teóricos críticos, na sua forma instrumental, o efeito oposto. Nessa nova forma é o racionalismo que acaba por dominar a sociedade. A razão instrumental é a principal marca do fenômeno (percebido por Adorno e Horkheimer) da indústria cultural, é através dela que a razão instrumental se fortalece e acaba por transformar os sujeitos em objetos. É através desse conceito que podemos notar uma importante diferença do pensamento de Adorno e Horkheimer para o de Weber.

O conceito de indústria cultural pressupõe uma totalidade e uma forte ligação e inter-relação entre diversos elementos sociais. A cultura, por exemplo, não está autonomizada da mercadoria, muito pelo contrário, estão intimamente relacionadas. Para Weber, a racionalização acaba por refletir na autonomização das esferas de valor. O que o conceito de indústria cultural faz é o contrário, ele nos permite perceber como o campo da cultura acaba se contaminando pelos valores mercadológicos. É essa relação entre cultura e economia, bem caracterizada pela indústria cultural, que acaba por difundir a lógica da razão instrumental. É quando o sistema cultural, como sistema de explicação, preenche-se por uma lógica instrumental, que se expande uma forma de dominação extremamente poderosa. Passaremos agora a esmiuçar esse importante conceito que nos ajudará a perceber melhor como a razão instrumental acaba por objetivar os sujeitos.

A razão instrumental, como foi posta acima, refere-se à ampla operacionalização dos processos racionais. Assim sendo, o indivíduo ou a sociedade que aderem a ela percebem que conhecer é dominar e controlar os seres humanos e a natureza. Tomando emprestado o pensamento de Weber, podemos dizer que essa razão busca atingir os fins com os meios mais eficientes possíveis ou colocando em prática a ação racional com relação aos fins. A indústria de

armamentos, por exemplo, segue uma linha de produção fortemente instrumental. A eficiência das armas produzidas se mede pela capacidade de destruição que elas têm.

Antes de falarmos mais a fundo o que vem a ser a indústria cultural, seguindo a definição dada por Adorno e Horkheimer no livro a “Dialética do esclarecimento” (1947), é importante desvulgarizar os conceitos de indústria. A indústria cultural não é um conceito que possa ser aplicado antes do século XIX. É sob o capitalismo monopolista, cujas relações de mercado já estão desenvolvidas, que podemos falar em indústria cultural. Ela se caracteriza, portanto, como um grande aparato de produção de cultura que se espraia de forma abrangente; surge através de um avanço da técnica e de uma concentração econômica e administrativa, levando o que é produzido para áreas cada vez mais diversas e fazendo seus consumidores aceitarem sem resistências seus produtos. Em outras palavras, a indústria cultural é a razão instrumental, funcionando no âmbito da cultura, uma vez que ela é hoje mais indústria do que cultura.

Pode ser definida, sinteticamente, como um grande sistema interligado dos meios de comunicação, como a TV, o rádio, jornal, cinema, entre outros. Tem por função vender, lucrar, ideologizar, educar, naturalizar as relações sociais e padronizar os produtos que ela vende. Segundo Alex Thomson (2006, p.95) “Adorno está interessado na cultura como um todo. A ideia de indústria é acrescentada para qualificar o termo cultura e indicar que essa situação não é natural, inevitável e espontânea”. De fato, a indústria cultural surge como um avanço de processos históricos anteriores, os quais através dos avanços técnicos proporcionaram uma absorção da cultura pela indústria. Mas quais são as principais características da indústria cultural? Como ela utiliza seu poder em benefício próprio?

De acordo com Adorno e Horkheimer, “A cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto” (1985, p.99). Percebe-se então que a indústria cultural subsume o diferente, ou seja, a possibilidade do “novo” acaba sendo abafada por uma produção que busca tornar os produtos cada vez mais semelhantes e padronizados para satisfazer necessidades iguais, facilitando, assim, o consumo e inconscientemente promovendo nos consumidores um ar de naturalidade e, portanto, de não crítica.

É necessário dizer que a indústria cultural é a forma que a lógica mercantil encontra para alcançar a cultura. É exatamente esse caráter mercadológico que faz tudo ser muito parecido. Para os defensores da indústria cultural, entretanto, a semelhança é justificável, pois como muitas pessoas estão envolvidas nessa indústria, faz-se necessário reproduzir em larga escala, para cumprir necessidades iguais. A ideia implícita é a de que os padrões seriam reflexos das necessidades dos consumidores, mas o que Adorno e Horkheimer percebem nesse argumento é a omissão de um detalhe fundamental, o de que o poder exercido pela técnica é o poder dos economicamente mais poderosos, que a racionalidade técnica é, portanto, a racionalidade da própria dominação. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985)

5. A estratégia da padronização e da homogeneidade

O que a indústria cultural faz é transformar o público consumidor em uma massa uniforme, que tem seus gostos e preferências medidos por estatísticas e cálculos de rentabilidade. Há uma determinação comum de poderosos executivos de não produzir nada que não corresponda aos seus gráficos e tabelas, à noção que tem dos consumidores e, sobretudo, ao que foge do comum (ADORNO, HORKHEIMER, 1985). Através disso o consumidor torna-se um simples objeto, despido de suas particularidades e de sua subjetividade. A indústria cultural, porém, mantém constante esforço para disseminar a noção de que é o público e suas vontades que regem a produção, que são, portanto, sujeitos pensantes livres para escolher o que bem entenderem. Mas como ela faz isso? Quais os meios utilizados pela indústria cultural para fazer pensar que o público é sujeito e não objeto de suas vontades? Há, por exemplo, a constante desculpa proferida por diversos artistas que utilizam a “fórmula do sucesso” de que o fazem, porque estariam atendendo aos desejos do público. Para Adorno, isso não passa de uma desculpa esfarrapada. Podemos nos perguntar se o público já foi apresentado a outras possibilidades de escolha, se seu desejo não é fruto de uma alternativa única. Outra maneira fornecida pela indústria cultural de iludir o público é a existência de produtos com níveis de qualidade diferentes, o que confere uma impressão de individualidade, entretanto, não passa de uma estratégia de quantificação. Cada um deve se comportar de acordo com seu nível e escolher os produtos adequados para cada tipo. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985)

Para Adorno, a esquematização é o primeiro elemento fornecido pela indústria cultural. Por exemplo (1985):

Desde o começo do filme já se sabe como ele termina, quem é recompensado, e, ao escutar a música ligeira, o ouvido treinado é perfeitamente capaz, desde os primeiros compassos, de adivinhar o desenvolvimento do tema e sente-se feliz quando ele tem lugar como previsto. p.103

A repetição e o esquematismo, junto a outros artifícios, tais como efeitos e a velocidade frenética dos filmes impedem a atividade da fantasia e do pensamento. O indivíduo é levado a ter que dispender toda a sua atenção em acontecimentos que se sucedem rapidamente e em pequenos detalhes que dão sentido ao enredo do filme. Sentido este que é muito semelhante ao de qualquer outro filme. E o que é pior disso tudo, para Adorno, é que o indivíduo se sente inteligente, pois consegue perceber os acontecimentos antes que ocorram, o que acaba por gerar uma regressão das potencialidades humanas, uma infantilização do público consumidor.

Pode-se dizer que para Adorno, a principal característica da obra de arte é sua busca pelo novo, pelo inusitado, que acaba por ampliar o poder de conhecimento e de experiência do ser humano. Para ele, é através do estilo que a arte transcende a realidade e se torna capaz de explorar o novo. Entretanto, o elemento característico da arte não está na realização do estilo, está, ao contrário, no que difere dele. O que ocorre na indústria cultural é o oposto, a busca pela equivalência ao estilo, portanto, a imitação se transforma no valor absoluto. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985). O que ocorre aqui é a exclusão do novo, a indústria cultural: “Ao mesmo tempo que determina o consumo, descarta o que não foi experimentado, porque é um risco” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 111).

Segundo Adorno, a indústria cultural funciona como uma indústria de diversão e, desta forma, como um prolongamento do trabalho no capitalismo tardio, um momento de escape do trabalho mecanizado, com a finalidade de se restabelecer para enfrentá-lo novamente. O prazer aí sofre um risco de se tornar aborrecimento, pois para ser prazer não deve ser necessário se esforçar e para isso deve permanecer utilizando-se do que é habitual. Com isso, a indústria cultural apresenta constantemente ao público o objeto de prazer, como maneira de esquecer os problemas cotidianos, mas simultaneamente frustra-os, pois eles não podem usufruir do prazer (ADORNO, HORKHEIMER, 1985). Aqui está uma importante diferença entre a indústria cultural e a arte, pois enquanto aquela excita o prazer que não pode ser alcançado, esta apresenta a satisfação como uma promessa rompida. A indústria cultural busca distrair os espectadores, tenta diverti-los:

Divertir significa não ter de pensar, esquecer o sofrimento. A impotência é sua base. É na verdade uma fuga, mas não uma fuga da realidade ruim, mas da última ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir. A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação. A pergunta retórica: ‘Mas o que é que as pessoas querem?’ consiste em dirigir-se às pessoas como sujeitos pensantes, quando sua missão específica é desacostumá-las da subjetividade. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 119)

Para Adorno, o caráter mercantil e, portanto, padronizado da arte confirma a liquidação do indivíduo. Ele admite que a característica mercadológica da obra de arte não é novidade, o que é novo é que ela despreza sua autonomia e deixa de ser também mercadoria, para sê-la exclusivamente. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Adorno e Horkheimer chegam a afirmar que “A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la”. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p.134). Percebemos então que a cultura acaba sendo negada dialeticamente pela indústria e que os redutos de resistência a essa indústria residem naquilo que ainda não foi racionalizado.

Outro ponto importante no pensamento de Adorno diz respeito à dialética do particular e do universal e o seu esvaziamento com o advento da indústria cultural. Para o autor, o universal se refere ao todo, ao coletivo, está no âmbito da autoridade, enquanto o particular é tudo aquilo que é contrário à totalidade. Falando sobre cultura, o universal seria a indústria cultural e o particular a obra de arte autêntica.

O que ocorre, porém, nas sociedades de capitalismo avançado é que a dimensão econômica transforma-se em universal pela invasão no terreno cultural, que sempre foi o espaço da negação, da crítica, portanto o particular. Essa invasão faz com que a lógica da razão instrumental (típica da ordem econômica) penetre na cultura. Adorno enxerga nesse fenômeno o esvaziamento da dialética entre o particular e o universal, pois a cultura perde seu caráter crítico, negativo e se integra à lógica do sistema capitalista baseado no princípio da equivalência, no qual tudo pode ser trocado.

O esvaziamento dessa dialética representa, no fim das contas, o processo de eliminação

do específico, do que está além do princípio de equivalência do mercado. É acabar com o outro, com o estranho, com o específico, com a própria possibilidade da crítica, que é, justamente, a capacidade de pensar além do todo, do que é óbvio. Transferindo essa lógica para o plano da arte podemos pensar que esse processo levaria ao fim da arte, pois para Adorno arte diz respeito à particularidade, à ideia de que é única e não uma cópia, ou que promove algum tipo de inovação e com a invasão da instrumentalidade nesse campo isso iria por água abaixo.

Essa mudança, essa inovação, entretanto, seriam decorrentes do particular em confronto com o universal, das tradições artísticas, ou seja, da emancipação, da crítica e da negação das tradições. O novo viria a partir do conhecimento do campo e da sua crítica. Na indústria cultural, no entanto, não existe a busca pelo novo, não há o particular e se não existe diferença não há estilo, pois para Adorno o estilo é o que possibilita sua negação, mas o que ocorre é uma frequente repetição do mesmo.

Apesar da visão pessimista de Adorno sobre a arte e a sociedade e de enxergar possibilidades escassas de emancipação do sujeito e da arte, é possível perceber a relevância de seu pensamento no terreno artístico. Sua forte ênfase e preocupação com o elemento do novo como característico da arte autêntica e sua crescente escassez alertaram para a importância da crítica e da inovação na arte. Inovação, porém, que vai além das aparências, deve ser uma inovação substancial que mexa com a própria linguagem e forma da arte. Isso pode ter gerado uma influência sobre grandes artistas que se preocuparam em fazer uma arte crítica, autêntica, inovadora. Podemos pensar, por exemplo, nos artistas das vanguardas que elaboram suas obras tentando romper com as tradições e promover algo único, elaborar uma obra de arte crítica.

6. Considerações finais

A racionalização moderna, amparada pela industrialização e pelo consumismo, produziu a emergência e a crise dos antigos projetos da modernidade, como a liberdade e a felicidade, ambas sustentadas pelos planos emancipadores da razão. Em uma sociedade dominada de tecnicismo e pela impessoalidade burocrática o indivíduo se vê em um mundo de aparências, no qual a virtualidade e a mistificação são características importantes e marcantes. A razão acabou se transformando em um meio técnico, meramente prático e descartável, que visa atingir fins com a maior eficiência possível. Entretanto, essa eficiência está regida pela lógica capitalista, ou seja, será avaliada por sua capacidade de gerar lucros, deixando de lado todo o projeto emancipatório da razão, pois esta se configura numa poderosa forma de controle e domínio das subjetividades.

Esse panorama bastante negativo apresentado por Adorno e Horkheimer e já apontado por Weber, faz com que a análise e a interpretação acerca do uso da razão devam ser repensadas. Apesar da ideia de razão emancipatória estar em autores dos séculos XVII e XVIII, como Kant (apresentado aqui), é uma noção que ainda persiste. Ainda é comum creditar o atraso, a falta de desenvolvimento, a pobreza à carência de conhecimento, de uso da razão e aqui estamos falando de uma razão eurocêntrica, pois aqueles que não compartilharem dos cânones

do saber ocidental estão fora da possibilidade de conhecimento e, portanto, de desenvolvimento. O que Adorno e Horkheimer nos mostram, é que nos nossos tempos o capitalismo se aproveita da razão e a expropria da sua capacidade emancipatória ao instaurar nela um fim, qual seja: o lucro. Dessa forma, a cultura e, juntamente com ela, os sentidos e a sensibilidade vão aos poucos sendo subsumidos por uma lógica de padronização, de perda da atividade criadora, manipulada por um processo de regressão profunda, arqueada no interior dos centros produtores de cultura.



NOTAS

* Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. Quando submeteu o artigo cursava o sétimo período do curso de Ciências Sociais e era membro voluntário do Programa de Educação Tutorial de Ciências Sociais. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: filipe.barreiros@hotmail.com

** Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. Quando submeteu o artigo, estava cursando o sétimo período de Ciências Sociais. Atualmente está no nono período. E-mail: romulos.almeida@hotmail.com

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural** São Paulo: Companhia Editora Nacional, Edusp, 1971.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

KANT, Immanuel. 1995. O que é o iluminismo? In **A paz perpétua e Outros Opúsculos**. Lisboa, Edições 70.

RUSH, Fred. **As bases conceituais da primeira Teoria Crítica** In: RUSH, Fred (org.). Teoria Crítica. São Paulo: Idéias & Letras, 2008.

THOMSON, Alex. **Compreender Adorno**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010, 220p.

WEBER, Max. Ciência como Vocação (p.118-154). In **Ensaio de sociologia**. 1982. Rio de Janeiro, Editora Guanabara. P. 154-183.

WHITEBOOK, Joel. **A união de Marx e Freud: A teoria crítica e a psicanálise**. In: RUSH, Fred (org.). Teoria Crítica. São Paulo: Idéias & Letras, 2008

Recebido em 1 de julho de 2012

Aprovado em 14 de março de 2013

